



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS-CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES-DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

READEQUANDO ESTEREÓTIPOS: NOVOS PRÍNCIPES E PRINCESAS

ANDRÉA KEANE DE LIMA BORGES

**Catolé do Rocha – PB
2014**

ANDRÉA KEANE DE LIMA BORGES

READEQUANDO ESTEREÓTIPOS: NOVOS PRÍNCIPES E PRINCESAS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS IV, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^ª Ma. Ariane Benício

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B732r Borges, Andréa Keane de Lima.
Readequando estereótipos [manuscrito] : novos príncipes e
princesas / Andréa Keane de Lima Borges. - 2014.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto,
Departamento de Letras e Humanidades".

1. Novos contos de fadas. 2. Identidades. 3. Relações de
gêneros. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

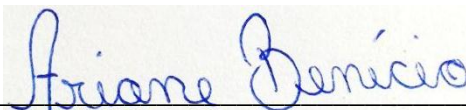
ANDRÉA KEANE DE LIMA BORGES

READEQUANDO ESTEREÓTIPOS: NOVOS PRÍNCIPES E PRINCESAS

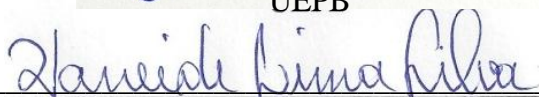
Monografia apresentada como requisito de conclusão do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Aprovado em 26/11/2014.

Banca Examinadora



Prof^ª. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto (Orientadora)
UEPB



Prof^º. Dr^ª. Vaneide Lima Silva (Examinadora)
UEPB



Prof^º. Me. Francisco Gomes da Silva (Examinador)
UERN

**Catolé do Rocha - PB
2014**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por ter me dado paciência para concluir o curso. Agradeço aos meus pais, Marina e Chico Assis, meus grandes exemplos. E aos meus familiares que sempre serão lembrados com muito amor e carinho. Minha irmã gêmea, Andreza e colega de curso que me suportou durante todos os trabalhos, obrigada por cada incentivo e pela preocupação para que estivesse sempre andando pelo caminho correto.

Às grandes amigas que vou levar para o resto da vida que foram fortalecidas a cada momento de aflição, e momentos inesquecíveis. Do quarteto fantástico levarei sempre as lembranças das minhas galegas inseparáveis e das coisas que conquistamos umas com as outras com muito esforço, determinação, paciência e perseverança para chegar até aqui. Sei que não conseguiria sozinha.

Ao meu amor, que me incentivou bastante a cada pensamento de desistência. Que ficou sempre ao meu lado dando o apoio que precisava, ajudando na última semana ficando longe, porque só assim consegui concluir a monografia. Sem você meu amor eu não teria conseguido, eu te amo, obrigada!

À minha orientadora Ariane Benicio, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. E a todos que fizeram parte indiretamente na minha formação.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a um grande exemplo na minha vida, uma mulher guerreira, determinada, forte e trabalhadora. Minha mãe! Orgulho-me de seguir seus passos.

“Príncipes, princesas

Sapos e lagartos

Mais de mil surpresas

Existem nesses fatos”

(Márcio Araújo)

RESUMO

Os contos de Fadas renovaram-se, e com isso surgiram novos personagens como príncipes e princesas que correspondem aos conceitos vigentes da época em que são escritos. Mas as novas histórias nascem da relação com contos infantis de outras épocas e autores, e em suas estruturas e formas esses textos incorporaram os atuais contos de fadas apresentando-se em traços intertextuais com características novas. Os novos contos subvertem os estereótipos de personagens tradicionais e modificam o desenrolar das estórias, assim novas possibilidades para a representação de gêneros surgem. Temáticas como, identidade, classe social, etnia e outros marcadores sociais se apresentam instáveis, móveis e contraditórios e tornam-se fundamentais no entendimento do estudo onde a identidade feminina e masculina, a desmistificação do príncipe encantado, a desconstrução do estereótipo da beleza, estão presentes. A presente monografia apresenta os novos príncipes e princesas descritos por Flávio de Souza em quatro contos do livro *Príncipes e Princesas, Sapos e Lagartos*. O livro trata de histórias modernas de tempos antigos, conforme descrição do próprio autor, que remodelam o clássico dos tradicionais contos de fadas. Nesse contexto, como objetivo principal, pretende-se, aqui, analisar as figuras femininas e masculinas presentes nessas narrativas infantis, e investigar a (re) constituição das identidades femininas e masculinas presentes no texto, com uma visão comparativa e intertextual. Nessa perspectiva esta monografia desenvolve-se sob a luz dos estudos de Bauman (2005), Coelho (2000), Hall (2005), Khéde (1990), Louro (1998), Machado (2004), Perrault (2005), Woodward (2007), entre outros. Constatando de que o encontro das antigas e novas narrativas, com funções sociais diferentes, apresentam aos leitores novas percepções do mundo contrapondo as percepções por longo tempo propagadas pelos clássicos contos de fadas.

PALAVRAS-CHAVE: Novos contos de Fadas; Identidades, Relações de Gêneros.

ABSTRACT

Fairy Tales renewed up, and with it came new characters like princes and princesses that match the current concepts of the time they are written. But the new stories are born of the relationship with children's tales of other times and authors, and their structures and forms these texts incorporated the current fairytales performing in intertextual features with new features. New tales subvert the stereotypes of traditional characters and change the course of the stories, so new possibilities for the representation of genres arise. Themes as identity, social class, ethnicity and other social markers present unstable, mobile and contradictory and become fundamental in the study of understanding where female and male identity, the demystification of Prince Charming, the deconstruction of stereotype of beauty, are presentes. A this monograph presents the new princes and princesses described by Flávio de Souza in four tales of princes and princesses book, Frogs and Lizards. The book deals with modern stories of ancient times, as described by the author himself, remodeling the classic of traditional fairy tales. In this context, the main objective, it is intended here to analyze the female and male figures in those children's narratives, and investigate the (re) constitution of female and male identities in the text, with a comparative and intertextual vision. From this perspective this monograph is developed in the light of studies Bauman (2005), Rabbit (2000), Hall (2005), Khéde (1990), Blonde (1998), Machado (2004), Perrault (2005), Woodward (2007), among others. Noting that the meeting of old and new narratives with different social functions, introduce readers new perceptions of the world conceptions long propagated by classic fairy tales.

KEYWORDS: New fairy tales; Identities, Relationships Genres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONSTRUINDO A LITERATURA INFANTIL	11
1.1 CONTOS DE FADAS: MUITO ALÉM DE ESTÓRIAS	13
1.2 O MUNDO DAS MARAVILHAS: DO PASSADO AO PRESENTE	16
2. REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS	20
2.1 IDENTIDADES PÓS-MODERNAS	22
2.2 NOVAS RELAÇÕES DE GÊNEROS E IDENTIDADES	24
3. ENTRE PRÍNCIPES E PRINCESAS: CONSTITUINDO A PESQUISA	26
3.1 PRÍNCIPES E PRINCESAS DOS CONTOS DE AGORA	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discute-se sobre as figuras femininas e masculinas presentes nas narrativas infantis contemporâneas, analisando o processo de (re)constituição de novas identidades para as mulheres e homens na sociedade. Analisam-se essas representações com base em estudos teóricos e pesquisas que abordam os contos de fadas numa visão comparativa, cultural e intertextual.

Este trabalho focaliza a comparação entre os contos de fada clássicos, como os dos irmãos Grimm e do francês Charles Perrault, com os novos contos brasileiros contemporâneos, discutir e compreender o a influência dessas representações sob a (Re) constituição de novos modelos de identidades é o que de fato torna-se pertinente.

Como temática geral une-se em um só universo de investigação a Literatura infantil, os contos de fada, os estereótipos e as identidades, constituindo como objetivo geral, nesse contexto, a investigação da reconstituição das identidades femininas e masculinas nos novos contos de fada.

A literatura infantil atual proporciona diferentes representações, onde o leitor pratica sua leitura, alcança novas formas de conhecimento, ajudando a se posicionar em variadas situações. Para as crianças, as histórias infantis, os contos de fadas favorece o desenvolvimento relativo às representações de acordo com as construções simbólicas.

Os contos de fadas tradicionais postulam estereótipos femininos e masculinos através de seus personagens. Tais estereótipos influenciam na constituição de identidades, e os novos contos de fada rompem com esses estereótipos adequando seus personagens as figuras sociais atuais, onde a intertextualidade está presente nas histórias escolhidas, que são os contos selecionados para as análises: Princesa linda Laço-de-fita, O príncipe desencantado, a princesa Úrsula de Bronislavia e O casamento do príncipe Arnaldo.

Para melhor organização das análises e compreensão das categorias teóricas o trabalho foi organizado em três capítulos:

O primeiro aborda as concepções de Literatura Infantil e contos de fada, apresentando seu contexto histórico de evolução e as modificações sofridas pelo gênero com o passar do tempo.

No segundo discute-se a complexidade que abarca as relações identitárias compreendidas no contexto pós-moderno, assim como as implicações relacionadas às relações

de gênero e as representações atribuídas ao feminino e ao masculino no imaginário social que é internalizado por influência dos contos de fadas e das histórias que se contam.

Já o terceiro e último capítulo, traz a análise comparativa dos contos selecionados da obra Príncipes e princesas, Sapos e Lagartos do escritor Flávio de Souza com os contos de fadas clássicos. Entendendo, principalmente que as novas configurações atribuídas às identidades femininas e masculinas nos novos contos advêm da intertextualidade possível das representações tradicionais que são expressas pelos contos.

1. CONSTRUINDO A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil se originou como gênero literário durante o século XVIII, tempos em que novas famílias passaram a se preocupar mais com a educação e formação de suas crianças.

A literatura infantil tem relativamente poucos capítulos, começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria se distanciar da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2002, p.22)

Antes de a Literatura infantil estabelecer-se e propagar-se as crianças liam outras literaturas. As pertencentes à nobreza tinham acesso aos grandes clássicos e as pertencentes às classes desprivilegiadas aventuram-se através das histórias de cavalaria e de aventuras que lhes contavam os mais velhos. Conforme Zilberman (1994), a chegada da literatura infantil acompanha uma grande modificação no contexto social, pois nasceu com o surgimento da classe burguesa a preocupação com a família e o patrimônio. Segundo ela,

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. (ZILBERMAN 1994, p. 15).

A partir desse período se compreendeu que a criança precisava ser observada com olhar diferenciado, elas representavam a continuação desses novos valores e precisavam ser preparadas para isso. Então, ao invés de realizarem atividades iguais aos adultos passaram a estudar e os livros infantis tiveram papel fundamental nesse processo.

Na realidade específica do Brasil, havia pouca demanda de livros infantis, sendo que a maior parte eram adaptações de obras estrangeiras. Em consequência disso, professores, jornalistas começaram a elaborar novos livros infanto-juvenis, escritos para adequar-se ao vocabulário das crianças e as suas perspectivas. Os livros infantis passaram a ser um recorrente instrumento de formação moral e social. Isso porque,

Através do contato com o mundo simbolizado na literatura, a criança viaja para dentro ou para fora de si mesma, experimentando, por empatia, as

sensações vividas pelas personagens e esta é uma forma de se autoconhecer e de conhecer o universo que a rodeia. (MARIA, 2002, p.44)

Além disso, o universo retratado nos contos infantis se aproxima do universo criado naturalmente pelo imaginário infantil, no entanto está relacionado efetivamente com o contexto real da sociedade fazendo com que as crianças se percebam dentro do sistema de relações sociais presentes no mundo e descubram como lidar com seus problemas e dificuldades. Abramovich(1994) também ressalta o caráter formativo da literatura infantil:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. (ABRAMOVICH, 1994, p.143).

Nessa perspectiva, as obras literárias infantis brasileiras ganharam mais força com Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Ziraldo. Mas o grande nome que marcaria o surgimento da literatura infantil é o de Monteiro Lobato, que veio para melhorar a relação entre livro e leitor trazendo diversas interpretações e agradando a diferentes públicos, fazendo com que suas histórias se tornassem inesquecíveis.

Lembrar-se dos nomes que fizeram repercutir a literatura infantil brasileira se faz necessário, tendo em vista que do ponto de vista da originalidade, da criatividade e dos recursos linguísticos e literários inovadores suas obras trouxeram para essa literatura uma sensibilidade revolucionária. Transformaram a imagem tradicional da criança representando-as em sua essência. Ao lerem as crianças sentem sensações como medo, coragem, amam, pergunta, descobrem inúmeras coisas.

Atualmente a literatura infanto-juvenil tem buscado modos diferenciados de publicação, na intenção de resgatar o interesse e tornar-se chamativo para as crianças contemporâneas que, nativas do meio digital, acompanham as inovações da época em que vivemos. Mas, para Junior (1994), embora a literatura infantil precise de mais estímulo para permanecer preferível diante de tantas distrações, ela não perde jamais seu encanto:

[...] a experiência da leitura é a nossa aventura, a história romanesca em que penetramos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta infantil permanece sempre nessa experiência. [...]os livros que cativam nossa atenção para o mundo das letras são também formas de despertar nosso espírito para a reflexão. Guardam em si todo o fascínio, mas também as chispa que faz disparar o pensamento [...]. (DAVI JUNIOR, 1994 p. 15).

Algumas adaptações, no entanto, foram inevitáveis e os textos literários modernos, sendo eles a representação da própria realidade, trazem em seu enredo evidências de nossas

necessidades atuais, desde o desapego comum das relações cada vez mais individualistas até a rapidez representada em suas curtas estruturas textuais, própria da prensa que atinge cada passo de nossa evolução.

Ponteando por fim, o contexto sócio histórico da literatura infantil brasileira apresentado neste capítulo com as discussões base desta pesquisa, vale ressaltar que embora este trabalho focalize a comparação entre os contos de fada clássicos, como os dos irmãos Grimm e do francês Charles Perrault, com os novos contos brasileiros contemporâneos, discutir e compreender a influência dessas representações sob a (Re) constituição de novos modelos de identidades é o que de fato torna-se pertinente. Assim, nesse primeiro capítulo constata-se que a literatura infantil acompanha a evolução da criança em seu tratamento social, servindo desde um instrumento de formação moral e social à objeto de representações.

1.1 CONTOS DE FADAS: MUITO ALÉM DE ESTÓRIAS

A civilização celta quem deu origem aos contos de fadas, povo místico que integrou uma das mais ricas civilizações do mundo antigo, que prezava a magia e os princípios espirituais. Toda imaginação dos contos começa a surgir por meio da capacidade Celta de criar e imaginar. Segundo Coelho (2009, p.77), “os celtas consideravam os rios, as fontes e os lagos lugares sagrados. A água era reverenciada como a grande geradora da vida. Foi na água que a figura da fada surgiu entre os celtas”. As fadas foram batizadas como seres fantásticos, favorecidas de poder e beleza que se mostravam sob a forma de mulher defendendo o bem, ou sendo mal como as bruxas malvadas.

Muito depois disso, os contos de Fadas começaram a se expandir na Europa anos como reflexo da tradição oral. As narrativas raramente eram escritas e as histórias eram, na maioria das vezes repetidas, contadas de um lugar para outro, deixando marcas nas diversas localidades por quais passaram, sendo faladas e recontadas de forma correspondente à cultura local, havendo diversas modificações, mas protegendo seu conteúdo principal. Estas histórias, que ainda circulam hoje, escritas, com ilustrações e modelos mais elitizados, estão cheias de sentimentos universais, tais como: o medo, o ódio, a tristeza, a alegria, o amor, a maldade. Como nos dizia Bettelheim:

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1980 p. 34)

À vista disso, as maiores partes dos contos se estenderam e sofreram mudanças, como podemos perceber, eram contados para toda a sociedade que ainda não distinguia faixas etárias e crianças de adultos mantinham praticamente o mesmo nível de tratamento.

Os Contos de Fadas eram histórias cotidianas de camponeses onde a imaginação era de forte presença misturada a algo realmente vivido. Para Franz (1981), os Contos de Fadas se originam a partir de uma narrativa específica. Após a história ser contada e recontada várias vezes ela vai se desfazendo de seus fundamentos particulares e se tornando mais geral. Com a perda, de algum elemento, a história deixa de ter raízes, e ganha novas características, passando assim por várias formas e por fim se transformando em Contos de Fadas:

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (FRANZ, 1981 p. 33)

Os contos de fadas são, então, como modelos e exemplos de experiências que condensam nossas formas de vida. Tocam-nos porque refletem a memória cultural e social dos nossos antepassados que através da oralidade vem sendo repassada de geração para geração. Eles cristalizam essas histórias para garantir esse repasse, essa continuação. Experiências e vivências que favoreceram a humanidade nos foram passadas através das histórias já existentes nos contos com uma linguagem simples que dá sentidos em qualquer idade.

Todavia, os primeiros contos não retratavam o universo infantil, uma vez que as histórias eram repletas de cenas de adultério, canibalismo, mortes e outros elementos do imaginário dos adultos. As narrativas eram narradas conforme o destino do homem, suas dificuldades e crenças. Eram contadas pelas amas para as crianças, e elas ocultavam as reais histórias e começam a sofrer adaptações, as histórias se moldam as necessidades das crianças, usando a imaginação. Bettelheim (2002 p.23) relata que os contos de fadas fazem com que as crianças encontrem sua identidade, e mostram a elas experiências que possam mudar sua forma de pensar, modificando seu desenvolvimento e caráter.

No faz de conta, suas vontades podem ser mudadas e realizadas quantas vezes a criança desejar, imaginando várias situações que ajudam a atender seu querer interior em busca de soluções, no mundo de fantasia, com a presença de elementos mágicos. Coelho descreve:

[...] com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático à realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher (COELHO, 1987, p.14).

Os contos tradicionais descrevem uma narrativa cujos personagens heróis e, ou, heroínas combatem grandes desafios, estabelecendo relação entre “bem e mal”, “certo e errado”, esses conceitos representados no comportamento das personagens influenciam a formação da criança. A reflexão e a formação moral da criança acontecem por meio dos contos de fadas, quando as mesmas diferenciam os comportamentos das personagens, formando conhecimentos e construindo suas escolhas e identificações.

Pode-se encontrar, também, no modelo básico de qualquer narrativa literária, situações de firmeza e desequilíbrio, e essas representações são trazidas por uma aparição de um ser mágico. Assim, os seres mágicos são personagens tão importantes para o crescimento da narrativa quanto à ação do herói.

Cashdan (2000) retrata que o conto de fada passa por fases essenciais na história como a imaginação usada pelo leitor, o caminho feito pelo protagonista do mal, a solução do problema acontecido na história, e a estratégia usada para que no final estabeleça a recompensa.

Nas conhecidas narrativas de Perrault e dos irmãos Grimm os contos de fadas tradicionais já começam a sofrerem mudanças com relação à estrutura das histórias, além do protagonista e antagonista, personagens secundários passam a existir para engrandecer o conto e incrementar as aventuras.

Nesse cenário de modificações os autores Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm, Charles Perrault tiveram grande aceitação das crianças e foram considerados os mais importantes e iniciantes do gênero. Os Irmãos Grimm produziram contos de fadas originários de uma literatura essencialmente oral e popular, que nos oferece aventuras, medos, suspenses mundo de histórias e de poesia.

Perrault acrescentou às histórias infantis o senso moralístico. Trabalhava os contos como instrumento de reprodução de lições e ensinamentos. Segundo Souza, (1996, p.27) “era a primeira vez que um escritor se apropriava da tradição oral para criar um livro especificamente destinado à criança”.

E com o surgimento dos contos os Irmãos Grimm tiveram o papel de expandi-los, levando-os para diversos lugares usando os vendedores que por ali passava e os encarregavam de vender os livros por um preço disponível as classes sociais. Conforme a descrição de Darton (1986, p. 89), surgiu assim a primeira configuração infantil dos contos de fadas para leitores mirins.

Conforme o mesmo autor, ao ouvir e ler os contos de fadas o público infantil ia fazendo uso da imaginação atinge o seu interior e reconhece momentos descritos na história, ocorrendo, dessa maneira, a identificação com os personagens, elementos positivos e negativos e como solucionar os problemas decorridos.

Nessa perspectiva, o leitor de contos de fadas pode ter seu psicológico modificado ao interagir com as leituras sobre os contos, podendo variar seu comportamento ou ponto de vista, seja ele certo ou errado. Além disso, os contos criam sentidos às formas e representações do mundo, e as crianças ao estarem aptas a compreensão dos acontecimentos, comovem-se e passam a compreender a si mesmas a ao mundo sob o mesmo olhar dos contos.

De acordo com Bettelheim (1980, p.197) “o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual”. E Bettelheim (1980, p.197) continua:

[...] a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. (BETTELHEIM, 1980 p.197)

Portanto, como já foi relatado, cada leitor tem uma interpretação, de acordo com suas vivências e necessidades de vida, aprende a encarar problemas em seu mundo real e ajudando a compreender as emoções passadas em toda história.

1.2 O MUNDO DAS MARAVILHAS: DO PASSADO AO PRESENTE

As histórias ajudam na construção e organização do raciocínio do indivíduo, incentivam a leitura por meio da contação de histórias desde a mais jovem idade. Mas para a criança que ainda tem como principal forma de interação as diferentes formas de imaginar e

se sentir em outro lugar o impacto dessas histórias é ainda maior. As crianças sejam elas bem pequenas ou já maiores sentem-se e envolvem-se nas narrativas.

Mas são elas que mais rapidamente acompanham, também, as evoluções e transformações sociais cada vez mais rápidas e intensas. Assim, o tempo passa e as histórias se modificam. Ao decorrer de períodos, e a cada época, temáticas diferentes surgem e influenciam o modo como enxerga-se os personagens no tempo e lugar. As novas narrativas envolvem problemas existentes como preconceito racial, classe social, e as demais problemáticas que envolvem a sociedade atual.

Os contos de fadas de hoje desenvolvem-se como em erupção. Cada definição dos contos irá ser profunda e diferente, cada pessoa terá uma percepção, e dependerá do seu estilo de vida em momentos alternados. O leitor, muito mais perceptivo, devido às necessidades de assimilação rápida de informações de que necessitamos hoje, lê o texto conforme seus interesses e necessidades de cada ocasião.

Mas o retorno aos valores estabelecidos pelos tradicionais contos de fada é inevitável, visto que os contos antigos expõem muitos valores que nortearam a concepção formadora de diversas gerações. Essas concepções foram repassadas e internalizadas no imaginário social e coletivo. Bettelheim (1980) retrata:

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. Um mito, como uma estória de fadas, pode expressar um conflito interno de forma simbólica e sugerir como pode ser resolvido, mas esta não é necessariamente a preocupação central do mito. (BETTELHEIM, 1980, p.34).

Mas, as narrativas sejam elas, tradicionais ou não, fazem com que o leitor, introduza um vínculo entre a realidade e o fantástico. Assim, através dos conflitos e relações entre várias situações que desafiam os personagens no decorrer da história, a criança se identifica com tal momento da narrativa e em seguida procura maneiras de superar obstáculos, beneficiando o desenvolvimento de sua personalidade.

As diferenças, no entanto, entre os contos tradicionais e os de agora são facilmente perceptíveis. A começar com o famoso final feliz dos contos tradicionais, que buscavam apresentar uma lição de moral para seus leitores. Hoje os contos não obedecem mais essa configuração.

O sistema social tradicional engrandece as condições sociais mais elevadas. A vista disso existe personagens da realeza, como o rei e rainha. Mas essas narrativas tinham um papel muito importante para o leitor, pois embora essa realidade parecesse estar muito

distante, a resolução dos problemas sempre vinha com a ajuda do elemento maravilhoso e este na imaginação está ao acesso de todos.

A tradição do “Era uma vez” em todo início das frases e “Viveram felizes para sempre” em todo final, era marcante e presente em todos os contos de fadas clássicos. Era um modelo entendido como educativo por todos os burgueses do século, com um discurso utilitário do qual Perrotti observou da seguinte forma:

O discurso utilitário procurou sempre oferecer a crianças e jovens atitudes morais e padrões de conduta a serem seguidos, ordenando os elementos narrativos em função de tal finalidade exterior. Tais atitudes e padrões, evidentemente, inseriram-se na ordem da sociedade que os promoveu, uma vez que tal discurso buscou não somente adaptá-lo a um determinado modelo social: o burguês. (PERROTTI, 1986, p.117)

Tratava-se de um novo modelo de sociedade que além de seguir o caráter utilitário, tinha como propósito preservar as crianças e adolescentes dos perigos do mundo, assimilando comportamentos certos ou errados.

Os contos de fadas modernos se diferenciam dos contos tradicionais por conta da maturidade atingida com o passar do tempo. Desse modo:

Considerar o conto tradicional como antigo, pertencendo ao patrimônio mundial ancestral sob diferentes formas, conforme países e regiões, é fundamental. Trata-se do conto “polido pelos séculos, engrandecido pela sabedoria e a memória humana”, o que permite supor que adquiriu, no fundo e na forma, certa maturidade. As histórias modernas, chamadas “de autor”, não possuem essa densidade conferida pelo tempo. (GUTFREIND, 2003, p.22)

A magia é essencial em todos os contos de fadas, tradicionais ou modernos, sendo eles por tradição oral ou frutos de imaginação dos autores, mas no século XIX, Wilhelm e Jacob Grimm buscavam acervos folclóricos e convertiam em materiais para seus contos, criando novas formas e estruturas para as histórias infantis.

Os irmãos Grimm coletavam dados e investigavam o modo falar de cada pessoa. Segundo Coelho (2003), é pelas fontes pesquisadas e escritas pelos irmãos Grimm, que foram encontrados maravilhosas narrativas, narradas pelo povo, formando a coletânea que hoje é conhecida como literatura Clássica Infantil. Os contos de hoje seguem um processo de constituição parecido, embora não surjam necessariamente das histórias que o povo conta, eles surgem desse olhar diferenciado de cada um e da observação dos novos valores estabelecidos na sociedade atual.

A geração de contos de fadas cresce, ocorrendo mudanças para atender as necessidades da época e da realidade de mundo, ao modo de permitir que o leitor se atualize em suas leituras, formando então os contos de fadas modernos com a intencionalidade das transformações, desconstruindo estereótipos e comportamentos de acordo com a vida social.

Apesar de os contos modernos fugirem dos valores tradicionais para se adaptar as formalidades da época, os contos clássicos não perdem seu valor cultural:

Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenvolvam trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. (MACHADO 2004, p.15)

Dessa forma, as histórias não perdem seus valores e encantos do próprio tipo de gênero, assim, a renovação das histórias capazes de quebrar estereótipos constroem modelos valiosos, mas que não são proeminentes aos modelos antigos.

Os artistas contemporâneos estão interessados às mudanças ao seu redor. Conforme afirma Coelho (2000 p. 15):

(...) o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000 p.15)

Os escritores modernos apropriam-se da intertextualidade para estudar os personagens clássicos e a partir deles recriarem comportamentos e características. Assim, a contemporaneidade aparece em meio a novos valores, sem esquecer os antigos.

Os contos de fadas resgatam narrativas como desafios a serem solucionados e disponibilizam novas formas de conhecimento e modelo ideológico, gerando novos estereótipos, identidades femininas, masculinas e infantis, marcando papéis sociais importantes no mundo.

2. REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

A identidade é um conjunto de diversidades de um ser próprio em função à interação social. Os indivíduos possuem inúmeras identidades, de gênero, cultural, pessoal, entre outras. Eles partilham culturas e princípios e se (re) constituem a partir da interação de novos grupos. Conforme Hall:

[...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais. [...] (HALL, 2005, p. 09)

As mudanças sociais modificam também as identidades, principalmente quanto ao modo como são representadas. Sobre isso, Woodward (2007) afirma que a representação abrange inúmeras formas de significados e os sistemas simbólicos para serem produzidos, usando o sujeito como fonte principal para definir aquilo que somos.

Contextualizando este aspecto à literatura infantil atual, considera-se que essas novas configurações literárias proporcionam diferentes leituras, onde o leitor alcança novas formas de conhecimento, ajudando a se posicionar em variadas situações.

Dessa forma, os contos de fadas favorecem o desenvolvimento relativo às representações de mundo de acordo com as construções simbólicas, portanto a identidade é descrita como relacional sempre dependente da relação com o outro e das interpretações que constituímos também a partir de como compreendemos o outro.

As diversas pesquisas, segundo Stuart Hall, caracterizam as identidades culturais bem como “[...] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. [...]” (HALL, 2005, p.08).

Os contos destinados às crianças mostram modificações, para que novas identidades surjam alterando fatores pessoais de acordo com a época.

Culturalmente dizendo, os papéis sociais, os estereótipos se caracterizam pela marcação das diferenças. Desde a primeira infância as crianças acostumam-se a comporta-se conforme os valores que lhes são atribuídos. Recebem na educação e nos estímulos positivos dos pais, modelos desde qual roupa usar ao modo de falar e agir, a exemplo da distinção de cores que destina rosa às meninas e o azul aos meninos.

É importante, então, considerar os novos contos nesse contexto, pois como ressalva Khéde (1990, p.33)

De modo geral, as histórias de fadas da literatura infanto-juvenil contemporânea estão a favor da desconstrução de estereótipos que aprisionem as atitudes comportamentais das crianças. Inscrevem-se na linha da paródia e da crítica social. (KHÉDE, 1990, p. 33)

Conforme Stuart Hall (2004) os indivíduos hoje vivenciam uma crise de identidade, que significa a impossibilidade de estabelecermos uma identidade única e padronizada dentre todas as relações subjetivas a que nos dedicamos. Segundo o autor somos seres incompletos e vivenciamos a constante e infindável busca de nos definirmos, mas essas definições são volúveis.

As narrativas infantis antigas apresentam representações que padronizam o comportamento humano e define estereótipos. São padrões conhecidos como, se for protagonista é bom e terá um final feliz, e se for antagonista, sendo maldoso, terá finais trágicos. Já os novos contos dão margens a novas configurações de acordo como esses valores são hoje compreendidos, as identidades não precisam ser adequadas a esses padrões e as definições entre bom e mal, assim como a distribuição de papéis não precisa necessariamente seguir o que é definido para padrão de gêneros.

A partir dessas reflexões, as representações identitárias femininas e masculinas em obras determinadas às crianças estimulam quais estereótipos são percorridos e criticados pelos autores ao levantar opiniões identitárias relativas aos personagens. A obra dá chances de analisar bem as narrativas com personagens diferenciados.

Com o uso da intertextualidade, que aparece na recriação de um texto que já existe, cria um texto a partir de outro já real. Conciliam-se, assim, os textos para que conversem entre si. Com relação a representação das identidades essa comparação traz sempre um sentido proposital:

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa. Toda apropriação é, em suma, uma “prática dissolvente.” (CARVALHAL, 2001, p.53-54)

A intertextualidade possibilita aos autores a recriação.

A literatura que ora emerge possui traços inovadores como a intertextualidade (o diálogo com os outros textos) a ilustração (é tão auto-suficiente que chega a ser texto-imagem), os temas diversificados e atuais, a supra-realidade etc. O que importa é cativar o leitor, apelando para diferentes recursos visuais e temáticos. (MORELLI, 2004, p.176 e 177)

Dessa forma, com o desejo de cativar o pequeno leitor, os autores modernos introduzem a suas narrativas novas características que estejam no campo dos recursos visuais ou na descrição dos personagens permitem ao leitor uma identificação própria, mostrando que todas as identidades podem ser contempladas e que não é necessário haver um padrão.

2.1 IDENTIDADES PÓS-MODERNAS

A identidade está se evidenciando como temática central nos debates atuais e culturais. Segundo Hall (2005, p. 07), isso vem ocorrendo devido “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades [...]”.

As culturas formam-se a partir do partilhar dos princípios, e as identidades formam-se a partir desse processo cultural, assim os grupos que se formam ou transformam-se hoje criam valores identificando-se com as comunidades modernizadas. Nesse contexto de identificação, a identidade cultural de um indivíduo está sempre em transformação, pois a cada dia que passa o mundo está em constante evolução, afetando a construção e o crescimento das identidades de cada região, influenciando o homem pós-moderno, capaz de desestruturar um determinado espaço. (HALL, 2005, p.37)

De acordo com Stuart Hall (2005):

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” sempre “sendo formada. (HALL, 2005 p.38)

Mas essa interpretação das novas identidades é oriunda dos tempos modernos, antes as pessoas eram submetidas a aceitar identidades definidas pela família, ou pelo grupo, ou pelo sentimento de nação. A definição de individualidade diferencia-se a cada tempo e modo.

Como hoje a sociedade busca se atualizar e a interação com outras culturas e povos é um movimento necessário e recorrente, as identidades vão sendo recriadas inclusive por meio do desejo de defesa e conquista da sobrevivência. O indivíduo tenta afirmar-se a partir do que o diferencia e do que o identifica.

Identidade oscila constantemente entre aquilo que nos torna idênticos a nós próprios e aos outros e aquilo que, ao mesmo tempo, nos torna indivíduos únicos. A identidade é construída neste duplo movimento de assimilação e diferenciação, de identificação conosco e com os outros e de distinção de nós e dos outros. (SILVEIRINHA, 2001 p. 4)

Dividido em diferentes formatos, o crescimento do homem na sociedade torna o processo de mudança independente do meio em que vivemos. A perda dos princípios e a inserção de novos valores ocasionados pelos processos de globalização das culturas indicam as contradições das identidades e o impacto da multiplicidade leva o indivíduo a uma nova busca: A busca de sua própria representação.

Mas essa busca é infinda, pois para Bauman (2005):

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 22)

A identidade cultural nacional que nos é herdada tende uma igualdade entre a maioria, mas as aglomerações culturais das nações, onde são compostas por uma mistura de classes sociais e gêneros, embora tente formar uma identidade de acordo com um próprio povo, não desvela as inúmeras possibilidades das identidades individuais que surgem.

Por isso, as discussões sobre o reconhecimento identitário criam problemas sobre a identidade. As diferenças são importantes para existir a pluralidade de identidades.

Em questão da identidade racial e outras que possam existir o preconceito, ainda há o que conversar e distinguir valores para que todos sejam dignos de respeito, pois a definição de identidade resultou em transformações diversas e mesmo aqueles que afirmam-se iguais, sabem que a diferença é indispensável.

A esse respeito:

O idêntico não se define pela negação da diferença assim como a diferença não se define pela negação do idêntico; há aí dois conceitos que se implicam e que são a definição fundamental do pensamento. Contudo, deve-se notar que o idêntico é privilegiado em relação à diferença: a diferença pura é impensável. (LALANDE, 1999, p.505)

Desse modo, a diversidade compõe um lugar com mais riqueza de sentidos e valores que possibilitam interesses diferentes, saberes distintos. É preciso se posicionar com precisão,

reconhecer as identidades humanas e suas fundamentações, mesmo que em conflitos para que o ser humano compreenda a si mesmo como ser em constante mudança.

2.2 NOVAS RELAÇÕES DE GÊNEROS E IDENTIDADES

As questões que acarretam a definição de gênero não são recentes. Diversos estudos focam a diferença entre os sexos, entre os homens e as mulheres, como modo de compreensão da identidade, da história, e dos estereótipos formados a partir das relações sociais. Paradigmas esses, que são construídos pela sociedade e provocam ações e reações.

As relações de gênero impulsionam as relações de poder. Nos moldes patriarcais estabeleceu-se o predomínio do homem devido às atividades laborais. Mas os papéis hoje se invertem e as identidades são diferenciadas, pluralizadas e instáveis.

Para uma melhor definição, Lauretis (1994, p. 212) afirma que:

As concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Vale destacar, pela pertinência ao tema deste texto, que embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade. Sob essa ótica, a construção cultural do sexo em gênero e a assimetria que caracteriza todos os sistemas de gênero através de diferentes culturas são entendidas como sendo sistematicamente ligadas à organização da desigualdade social. (LAURETIS, 1994, p. 212)

Conhecer essas relações torna-se cada vez mais necessário para uma melhor compreensão das transformações, das diferenças e desigualdades, no âmbito escolar, no trabalho e na sociedade.

A imposição social controla o comportamento dos indivíduos e geram as formas estereótipos. Aqueles que não se molduram nas normas padrões são apontados como diferentes. A sociedade concede a mulher, por exemplo, os afazeres domésticos. Mesmo com as mulheres ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, essas concepções prevalecem e muito disso é internalizado na infância.

Os papéis e diferenças de gêneros são aprendidos e mudam de uma sociedade para outra e de acordo com cada época. As relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres é consequência de uma formação social que define o papel do homem e da mulher.

As desigualdades de gênero surgiram a partir de um modelo de sociedade patriarcal, onde o domínio era de homens, e as mulheres não tinham direitos. Conforme Louro (1989),

com o feminismo, em uma jornada longa a mulher passou por cima do comando masculino em características políticas, legalizando o voto feminino, com ou sem apoio do companheiro.

O voto foi um grande passo para a conquista de novos espaços. A mulher conseguiu o direito ao trabalho, a direção de automóveis, e hoje cargos políticos. Mas a problemática da relação de gêneros ainda existe e é imperada pelo machismo. Em algumas profissões a mulher ainda é julgada como inferior, no volante tem uma má reputação, e nas ações menos direito a voz.

Como resultado dessa exclusão as mulheres assumiram papéis tidos como masculinos, transformaram-se em chefes de família, adentraram ao Governo, e outros. Mas como Louro (1998) ressalta, a representação da desigualdade ainda precisa ser mudada na história para melhores condições de vida em uma sociedade. Para Louro:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (Louro, 1998, p.21).

Para que se compreendam as relações de homens e mulheres em uma comunidade, deve-se deixar de lado o sexo, seja feminino ou masculino, pois o importante é a ideia que se constitui sobre cada sexo, o conceito do gênero. Se as relações de gênero se constituem a partir da diferença sexual determinam condições desiguais entre homens e mulheres, então é a partir do ensino que poderá conquistar uma classe de relações mais justas. E através da literatura infantil que tem forte influência na formação do indivíduo, também.

Para Stoller (1978), todo ser contém uma identidade de gênero, o que irá diferenciar socialmente o que é masculino ou feminino. E o papel de cada sujeito não se modifica psicologicamente ao longo da vida mas se atribui novas ações a esta "massa de convicções". De modo que, a identidade irá se formar de acordo com a criação e socialização desde o nascimento e o descobrimento do sexo.

3. ENTRE PRÍNCIPES E PRINCESAS: CONSTITUINDO A PESQUISA

Neste último capítulo, apresentar-se-á a partir da obra *Príncipes e princesas, sapos e lagartos*: histórias modernas de tempos antigos, do escritor Flávio de Souza, nascido em São Paulo no ano de 1955, o modo como as representações de gêneros são remodeladas e as identidades (re)constituídas sob a habilidade do autor em usar a intertextualidade para desmistificar estereótipos.

Flávio de Souza, além de autor de diversos livros infantis é diretor, desenhista, ator e roteirista do Castelo Rá-Tim-Bum junto com o cineasta Cao Hamburger, e dirigiu a ópera *João e Maria* e o filme *Lembranças do Futuro*, dentre outras produções.

A obra, em que se trata, refere-se a pequenas histórias, incluindo o imaginário das princesas, príncipes, bruxas e magias, e temáticas sociais como a homossexualidade, beijos, desencontros e guerra. Todos os contos são construídos numa perspectiva de conflito. Mas de conflitos naturais que fazem parte de nosso cotidiano e de nossas escolhas.

A partir disso, o presente trabalho se propôs a analisar as trajetórias, vidas e histórias dos príncipes e princesas dos contos modernos ponderando a identificação de novas características que divergem dos contos clássicos, assim, desmistificando os estereótipos tradicionais, numa visão comparativa, cultural, intertextual e social.

A pesquisa desenvolveu-se numa abordagem qualitativa, e faz uso apenas dos aparatos bibliográficos necessários para a crítica e interpretação do texto literário. Foram analisadas de toda a obra apenas quatro histórias que na leitura inicial observou-se apresentar a (re)configuração dos estereótipos através dos diálogos intertextuais, mas todos os demais contos da obra apresentam (re)configurações de sentidos. Os contos selecionados para as análises foram: “Princesa linda Laço-de-fita”, “O príncipe desencantado”, “A princesa Úrsula de Bronislavia” e “O casamento do príncipe Arnaldo”.

3.1 PRÍNCIPES E PRINCESAS DOS CONTOS DE AGORA

O conto de Flávio de Souza, “Princesa Linda Laço-de-Fita” relata a história de uma princesa de beleza alucinante, descrita como perfeita, desde o cabelo até as roupas. Em toda sua vida sempre foi linda, vestiu roupas lindas e morou num quarto lindo, de um castelo lindíssimo.

Sempre foi linda, vestiu roupas lindas e morou num quarto lindo, deum castelo lindíssimo, no reino de Flax. Passou a vida na janela desse quarto, recebeu visitas de príncipes que vinham de muito longe e de bem perto também para pedi-la em casamento. (SOUZA, 1996, p. 44)

Como se pode perceber, a história segue a descrição esperada de uma princesa, figura bela e perfeita que modela os desejos de toda menina. Mas o autor quebra essa representação ao fim da história, apresentando um final inusitado. Ao invés de a princesa ser resgatada por algum príncipe em qualquer situação de perigo, a narrativa relata friamente que a princesa envelheceu sozinha.

[...]Mas, sendo linda como era, e muito vaidosa da própria lindeza, não aceitava nenhum pedido, pois nenhum príncipe era forte, rico ou...lindo o suficiente para se casar com ela. Com o passar dos anos, os príncipes cansaram desse papo furado e desistiram. Hoje em dia, ela já está bem velhinha, ainda linda, uma linda velhinha. Sozinha, na janela, espera algum príncipe passar e parar para conversar. (SOUZA, 1996, p. 44)

A beleza nesse conto é representada criticamente, a beleza tida como o principal fator torna-se algum ruim, pois a valorização exacerbada da mesma produz ações que ao invés de cativar descativam. Assim o belo e encantado torna-se questionável.

Conforme Khéde (1990, p. 33), [...] “De modo geral, as histórias de fadas da literatura infanto-juvenil contemporânea estão a favor da desconstrução de estereótipos que aprisionem as atitudes comportamentais das crianças”.

A princesa, nesse caso, de tão linda era muito vaidosa com sua beleza. Nenhum príncipe era rico, lindo ou forte o suficiente para se casar com ela. Então, sua personalidade perfeccionista e detalhista a afastou das pessoas e ela findou sozinha com sua beleza, morreu velhinha, uma linda velhinha. A figura da linda velhinha sugere a reflexão sobre as mudanças provocadas pelo tempo, e modifica a percepção dos valores. Linda, mas sozinha. O estereótipo de beleza nesse conto aparece, portanto, como objetivo de reflexão.

Sobre a definição de estereótipo, Bhabha (1998, p. 105) diz que é “[...] uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido [...]”. Os contos modernos parecem, realmente, desconstruir esses estereótipos.

É possível notar a nova configuração de sentidos para a imagem da princesa se comparados os contos Princesa Linda Laço-de-Fita e o Branca de Neve.

No tradicional conto da Branca de Neve a protagonista, assim como a princesa de Laço-de-Fita é linda. E sua beleza que está relacionada ao fato de ser branca, já referenciando aí um forte preconceito social, a torna vítima da inveja e crueldade feminina.

As figuras do feminino nos contos tradicionais oscilam entre a inocência com a linda princesa e a maldade com a figura da bruxa. Os homens são representados como a salvação, a solução consciente e certa do final feliz. No conto de Flávio de Souza, os príncipes aborrecem-se e não necessariamente representam a solução para o problema, o problema está na própria princesa que não precisa ser vitimada, mas precisa refletir sobre si e fazer suas próprias escolhas. Seus atos deixaram-na sozinha e não a maldade alheia.

Já Branca de Neve era branca como a neve, e parece que o fato de ser branca representava também sua fragilidade. Ao nascer, sua mãe faleceu, e o rei casou-se com uma mulher que acreditava não existir alguém mais bela do que ela. Perguntava ao espelho se existia alguém mais bela, e o espelho falava da menina. Essa passagem instiga o leitor a acreditar que sempre haverá uma mais bela, sempre haverá alguém melhor ou superior.

Assim, considerando as falas do espelho a madrasta mandou o caçador matar a enteada. O caçador bonzinho deixou-a fugir na floresta e Branca de Neve encontra a na casa dos sete anões, criaturas doces e gentis por serem pequenas, o abrigo fraterno que precisava. Mas a rainha a encontra e lhe envenena com uma maçã. Ela cai frágil e é despertada com o beijo do príncipe.

Para confirmar, um trecho da obra:

[...] o pedaço de maçã caiu dos lábios da menina, e Branca de Neve acordou, perguntando: — Onde estou? E o príncipe respondeu: — Estás a salvo comigo – contou-lhe o que acontecera e disse -, amo-te mais do que tudo no mundo. Vem comigo para o palácio de meu pai e serás minha mulher. E Branca consentiu e foi com o príncipe, e o casamento foi preparado com muita pompa e esplendor. [...] Branca de Neve e o príncipe viveram e reinaram felizes por muitos e muitos anos. (GRIMM, 2008, p. 126)

Percebe-se que a beleza era um elemento fundamental nos contos clássicos. A mulher perfeita tinha que ser bela, magra, frágil, delicada e vulnerável a força masculina. Mas na história de Flávio de Souza a princesa, apesar de continuar bela, a valorização da beleza torna-se sinônimo de vaidade, e a vaidade é representada como um sentimento ruim a medida que não é dosado. Flávio atribui um olhar mais racional ao tema e acaba por (re)constituir a imagem da mulher que é representada pelas princesas.

Nesse contexto, é possível afirmar que,

[...] as identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares do mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. (WOODWARD, 2007, p. 25)

Diferente de Branca de Neve, uma linda princesa, humilde, com a qual se casou com um lindo príncipe encantado. Nesses contos nota-se o quanto o papel da mulher como princesa era doloroso. Quando se observa as características das princesas dos contos de fadas são percebidos os significados sobre a identidade de gênero das mulheres como princesas, madrastas e dos homens como príncipes.

Nos contos tradicionais, a beleza externa é apresentada como reflexo de caráter e elemento indentitário, as princesas são caracterizadas pela generosidade e humildade. As princesas do mundo real também são vista com belos olhos, mas a valorização da beleza se dá sob outro aspecto e o comportamento tido como feio e ruim é tratado como muito mais naturalidade. Trata-se de defeitos humanos, tanto de homens como de mulheres, que merecem ser levados à reflexão, apenas isso.

Constata-se, portanto que a ligação da mulher com o belo existe há muito tempo, desde os contos de fadas quando se dizia na história de Branca de Neve: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”. As mulheres seguem o padrão de beleza com seriedade, levam a sério um corpo perfeito, uma pele saudável, unhas e cabelos bem cuidados. Padrão esses que são internalizados desde a infância.

Mas nos contos de fadas modernos, o padrão de beleza é acompanhado por outras atribuições que fazem parte do que as mulheres modernas conquistaram, seu direito a escolhas, a exaltação e sua inteligência e coragem, que deixa menos visível a questão da beleza ou, pelo menos, a põe em questionamento.

Essa mudança das representações indentitárias dá-se justamente ao fato da mulher, antes vista como um ser submisso, inocente e frágil, incapaz de se defender, que espera um belo príncipe encantado aparecer para ajuda- lá, passar a ser ativo com atitudes que mesmo questionáveis, são atitudes.

O segundo conto em análise é intitulado Príncipe desencantado. Conta a história de um príncipe que acorda a princesa com um beijo sem esquecer que ela estava adormecida há cem anos.

De imediato, o leitor encontra na apresentação inicial do texto aspectos de intertextualidade com o conto de fada a “Bela adormecida”. Mas, enquanto no antigo conto o príncipe beija a bela adormecida e eles apaixonam-se e se casam, vivendo felizes para sempre, no conto de Flávio de Souza ocorre o oposto.

O Príncipe desperta a princesa que dormia à quase 100 anos com um beijo, mas ao acordar começa a falar sem parar como um tagarela, e curiosa faz diversas perguntas. Todas as perguntas estão relacionadas a seus interesses. A princesa é cautelosa ao entregar-se ao príncipe, antes ela deseja saber quantos castelos o príncipe possui, com quantos quartos, e sobre as roupas e joias. O príncipe ao notar todo o interesse da princesa sobre as coisas materiais acaba por ficar decepcionado. Em poucos minutos que a conhece nota que ela é gananciosa e materialista:

PRINCESA- Muito obrigada príncipe. Você por acaso é solteiro?

PRÍNCIPE- Sim, minha querida princesa.

PRINCESA- Você tem um castelo, é claro.

PRÍNCIPE- Tenho...princesa.

PRINCESA- E quantos quartos tem o seu castelo? Deixa eu pensar quantas amas eu vou contratar...Umas quarenta eu acho que dá! Ah, eu não quero nem saber. Eu não pedi para ninguém vir aqui me beijar, e já vou avisando que quero umas roupas novas, as minhas devem estar fora de moda, afinal passaram-se cem anos, não é mesmo? E quero uma carruagem de marfim, sapatinhos de cristal e...e...jóias, é claro! Eu quero anéis, pulseiras, colares, tiaras, coroas. (SOUZA, 1996, p.34)

Na metade da conversa, o arrependimento toma conta do príncipe por ter beijado a princesa. Aflito com a situação que criou o príncipe procura uma maneira de desfazê-la. Então, no primeiro momento em que a princesa ficou distraída o príncipe deu outro beijo intenso nela. Esse segundo beijo fez com que ela caísse num sono profundo.

Como diz no conto:

Tanto a princesa falou que o príncipe se arrependeu de ter ido até lá e beijado. Então, teve uma ideia. Esperou a princesa ficar distraída, se jogou sobre ela e deu outro beijo, bem forte. A princesa caiu imediatamente em sono profundo, e dizem que até hoje está lá, adormecida. Parece que a notícia se espalhou e os príncipes passam correndo pela frente do castelo onde ela dorme, assobiando e olhando para o outro lado. (SOUZA, 1996, p. 60)

De tanto a princesa tagarelar, o príncipe se arrependeu de ter ido lá e a beijado. Foi então que ele teve a ideia de esperar sua distração, quando se jogou sobre ela e deu outro beijo, bem forte. A princesa caiu imediatamente em sono profundo, e dizem que até hoje está

lá adormecida. Parece que a notícia se espalhou e os príncipes passam correndo pela frente do castelo onde ela dorme, assobiando e olhando para o outro lado.

Mais uma vez a princesa é colocada como responsável pelos seus atos, ela quem provocou o desencanto do príncipe, perdendo a chance de se casar. Mas nota que no final do conto é que surpreende, o príncipe foi embora, e a notícia correu solta, e os príncipes que por ali passavam corriam, assobiavam e olhavam para outro lado da rua.

Mas dessa vez a inversão dos valores ocorre também na figura do príncipe, ele não pretendia ser o porto seguro da princesa. Ele era reflexivo e não apoiava futilidades. Da mesma forma agem os outros príncipes. Mais uma vez a beleza não é elemento fundamental para a constituição da imagem da princesa. E nota-se que não é a princesa que é desencantada e sim o príncipe que se desencantou com as características da princesa.

Com a curiosidade da princesa em averiguar se ele possuía todos os requisitos que ela desejava num homem para contrair matrimônio. A bela acordada pareceu se interessar muito mais nos bens que ele disse possuir do que no beijo de amor que recebeu. Além disso, fez várias perguntas, reclamou de algumas respostas, demonstrou insatisfação com o tamanho do castelo e deixou bem claro ser demasiadamente gananciosa e materialista.

A princesa se mostrou interesseira e gananciosa, quis ter a certeza se o príncipe possuía realmente um patrimônio, ela pareceu se interessar mais nos bens materiais do que no próprio príncipe. Fez inúmeras perguntas, e reclamou bastante. Para comprovar:

PRINCESA - Ah, eu não quero nem saber. Eu não pedi para ninguém vir aqui me beijar, e já vou avisando que quero umas roupas novas, as minhas devem estar fora de moda, afinal passaram-se cem anos, não é mesmo? E quero uma carruagem de marfim, sapatinhos de cristal e... e... jóias, é claro! Eu quero anéis, pulseiras, colares, tiaras, coroas, cetros, pedras preciosas, semipreciosas, pepitas de ouro e discos de platina!

PRÍNCIPE – Mas eu não sou o rei das Arábias, sou apenas um príncipe...

PRINCESA – Não me venha com desculpas esfarrapadas! Eu estava aqui dormindo e você veio e me beijou e agora vai querer que eu ande por aí como uma gata borralheira? Não, não e não, e outra vez não e mais uma vez não.(SOUZA, 1996, p. 34)

Na história do “Príncipe Desencantado”, que traz como personagem principal o príncipe e não a princesa, compreende-se que se questiona a imagem da mulher na percepção do próprio homem. A mulher antes descrita como frágil e desinteressada nos contos de fadas tradicionais, assume outra posição. Assim Khéde:

[...] Príncipes e princesas são personagens mais predispostos às aventuras. Os primeiros desempenham papéis ativos, heroicos e transgressores, servindo, muitas vezes, como intermediários, num resgate. As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas mereceram, como prêmio o seu príncipe encantado. [...] (KHÉDE, 1990, p. 33)

Um ponto importante a ser analisado no conto é também a inversão dos papéis. A mulher moderna está cada vez mais se desvinculando da imagem de cuidadora e provedora do lar. Elas trabalham e os afazeres domésticos não podem mais ser realizados por elas mesmas. Além disso, devido ao preconceito social contra a mulher que a destinava apenas ao cumprimento dos afazeres domésticos, cuidar do lar passou a ser sinônimo de atraso e inferioridade. Como percebe-se no trecho em que a princesa quer saber quem fará os afazeres domésticos no castelo do príncipe depois que se casarem:

[...] Deixa eu pensar quantas amas eu vou ter que contratar... Umas quarenta eu acho que dá!

PRÍNCIPE – Tantas assim?

PRINCESA – Ora, meu caro, você não espera que eu vá gastar as minhas unhas varrendo, lavando e passando, não é?(SOUZA, 1996, p. 33)

Todavia, em “Bela Adormecida”, conto que faz intertextualidade com este apresentado, a princesa também foi acordada por um príncipe, mas ela era uma princesa de bom coração, não gananciosa:

Depois de muitos anos, chegou mais uma vez um príncipe ao reino e ouviu quando um velho contava da cerca de espinhos, e que havia um castelo atrás dela, no qual uma linda princesa, chamada Bela Adormecida, já dormia há cem anos, e com ela dormia o rei e a rainha e toda a corte. (GRIMM, 1812)

A diferença visível entre a descrição das duas princesas e os valores trazidos pelos príncipes demonstra que assim como as pessoas modificam-se conforme o tempo, as histórias recriam-se. A imagem da mulher foi modificada e também sua posição quanto à relação com o gênero masculino. Novos tipos de relação são (re)criadas pela sociedade e representadas nos novos contos.

No conto A princesa Úrsula de Bronislavia, percebe-se também uma nova representação da mulher. Ela era uma bebê que não chorava, rugia. Tinha atributos masculinos como sempre foi forte, brava, malhava bastante.

[...] Aos vinte e sete anos cansou-se de ouvir que estava ficando para tia, que já era tempo de casar [...]. Não aguentando os pedidos insistentes para que se casasse, ela gritou bem alto: — Tudo bem. Não é legal viver sozinha. Importou vinte odaliscas das Arábias, o que foi considerado um escândalo na época, já que odaliscas gastam pouco em panos, mas muito em cosméticos, perfumes e sandálias de plástico. Não demorou para que Úrsula amizade com uma das odaliscas e hoje elas vivem felizes e contentes no castelo particular que a princesa possui à beira do mar Nacarado. [...] (SOUZA, 1996, p. 36-37)

Constata-se que a descrição de Úrsula é bem diferente das outras princesas, ela não se importa sobre o que os outros vão pensar sobre suas atitudes. O final do conto é bastante diferente, mas ela terminou como queria, foi atrás de sua felicidade mudando seu destino. Decisão que parece que foi aceita pelas pessoas que moravam com a princesa.

Já “Rapunzel”, comparada à princesa Úrsula, tanto era determinada como forte, pois subia seu príncipe encantado e sua madrasta pelos cabelos em uma torre bastante alta. A história de Rapunzel, dos Irmãos Grimm conta a história de uma bela moça trancada em uma torre, sem direito a visitas, chamada Rapunzel.

A mãe no seu período de gestação sente o desejo de comer uma salada, e pede ao marido para ir buscar no jardim da feiticeira. A feiticeira, dona do lugar, não gostou nenhum pouco do roubo, e com muita raiva, pediu à criança que estava ao nascer. E a feiticeira criou Rapunzel como mãe a trancou no alto da torre, sem porta e sem escadas.

A menina tinha longos cabelos loiros. Quando ouvia a voz da feiticeira jogava suas belas tranças para chegar à torre. E um dia um príncipe viu o que estava acontecendo e usou a mesma estratégia para subir. Eles se apaixonaram. E a feiticeira raivosa cortou os cabelos de Rapunzel. Mas no final da história eles se encontram e vivem felizes para sempre. E em Rapunzel, Perrault vem dizer:

[...] Quando sua filhinha nasceu, a bruxa apareceu, deu-lhe o nome de Rapunzel e a levou. Rapunzel era uma menina muito bonita. Quando completou doze anos, a bruxa fechou-a numa torre sem portas nem escadas, no meio do bosque. Somente na parte mais alta havia uma minúscula janela. Quando a bruxa queria entrar na torre, chamava Rapunzel para que jogasse pela janela suas tranças douradas. Eram tão compridas, que a velha subia por elas. [...] (PERRAULT, 2005, p. 178)

Nos contos apresentados acima, as princesas são muito mais destemidas, autônomas e não são mais submissas aos príncipes. Mas diferente do tradicional a princesa de Flávio de Souza faz o que quer, são donas do seu corpo, da sua identidade e sexualidade, sem pensar nas consequências culturais ou econômicas.

Os desejos de Úrsula são respeitados, como não eram antigamente, as mulheres eram submetidas à palavra do homem, e essa representação atende a independência conquistada pelas mulheres da atualidade que cuidam dos seus interesses e sua autodefesa.

Assim, foram descartados os estereótipos criados na antiguidade, e as foram reinventados de uma forma que o feminino seja ele frágil ou forte, bonito ou feio fossem vistos de outra maneira de acordo com as percepções de mundo.

O último conto que evidencia essas novas percepções é intitulado “O casamento do príncipe Arnaldo”, e apresenta as artimanhas de uma princesa que tenta conseguir se casar com o príncipe. Príncipe este que é diferente de todos os outros príncipes, pois ele se apresenta como covarde e namorador.

Covarde porque já fugiu e fingiu que não estava acontecendo a Guerra de Mil e Um Anos. Ele se defendia dizendo que não lutaria em uma guerra sem saber a causa. E namorador porque namorou as mulheres do seu reino e do reino vizinho, enganando as moças que eram ditas como namoradas.

O príncipe Arnaldo namorou por muito tempo até descobrir o que era importante para ele: “[...] ao olhar-se no espelho, o príncipe Arnaldo viu um fio de cabelo branco entre os castanhos que cobriam sua cabeça. – Pronto! – disse ele para si mesmo, sorrindo. – Está na hora de escolher uma noiva para casar! [...]” (SOUZA, 1996, p. 63).

Ao perceber o seu cabelo branco, ele foi atrás de noivas, escolheu várias, procurava em uma de suas namoradas, prometia casamento, assinava os papéis, e depois ia embora sem pensar voltar. Uma só não suficiente bastante enganou várias. Seguindo esse hábito, foi crescendo o número de noivas, segundo o narrador: “[...] nesse logo se passou quase um ano, em que o príncipe ficou noivo de mais de trezentas princesas [...]” (SOUZA, 1996, p. 64).

O príncipe dizia que só um rostinho encantador era suficiente para um casamento feliz. Era necessário decidir entre todas as mais inteligentes. Dizia-se conhecedor do sexo feminino. Mas era uma amostra de que ele estava levando a sério a escolha de sua querida esposa, e acabou escolhendo Fedora, uma mulher muito inteligente. Casaram-se e viveram felizes para sempre com seus filhos. E suas outras noivas, em torno de trezentas mulheres ficaram a espera da volta do príncipe.

A história modifica todo contexto utilizado nos contos tradicionais, aqui a princesa que corre atrás do príncipe. Onde o que era relevante era a inteligência e não a beleza. E para terminar a história de Fedora e Arnaldo, observe o final desta narrativa:

[...] E no reino de Violétia, ainda hoje, costuma-se dizer que os noivos não devem perder tempo em escolher demais suas noivas, porque quem escolhe mesmo são elas, de uma maneira inteligente como a princesa Fedora: ‘O peixe abocanha a minhoca, mas quem é que fica preso no anzol?’ [...] (SOUZA, 1996, p. 67-68)

Os homens nos contos de fadas tradicionais são classificados positivamente como bonitos, fortes, ricos, tudo o que há de interessante aos olhos de uma princesa. São poderosos, administram todo o reino, possuem o poder mágico de despertar a princesa com um simples beijo e até mesmo salvar todo o reino de um vilão\vilã ao mesmo tempo.

Os príncipes descritos nos contos de Flávio de Souza são diferentes dos contos de fadas tradicionais e assumem diversas representações. Os representados no conto “O casamento do príncipe Arnaldo” são extravagantes em relação a relacionamentos, gozam da fama de sedutores, e desfrutam de todas as mulheres do reino. É ao mesmo tempo desonesto ao enganar as mais de trezentas noivas, contudo, imperioso ao afirmar sua inteligência e escolher a mulher mais bela e inteligente.

Em contrapartida, “O príncipe desencantado”, foi infeliz ao escolher a princesa egoísta amargando sabores, por outro lado, foi sagaz em sua decisão ao beijar novamente a princesa para que a megera caísse outra vez em sono profundo.

O estereótipo masculino também é bastante enfático nos contos tradicionais, o homem era considerado um ser forte e tinha direito sobre suas esposas, correspondia a visão das tradições históricas e religiosas, onde o papel feminino foi construído depois do masculino.

A felicidade feminina estava sempre associada à figura do bom homem que a protege e que merece seu amor eterno. Nos contos escritos por Flávio de Souza ocorre a desmistificação do “viveram felizes para sempre”.

Nota-se, portanto, um olhar diferente aos contos modernos, uma inovação, uma nova perspectiva com relação à identidade feminina e masculina e a desconstrução do estereótipo da beleza e do final feliz. Assim, a literatura infanto-juvenil contemporânea e os contos de Flávio de Souza trazem aos leitores inúmeras possibilidades de sentidos e interpretações que contradizem os contos tradicionais a partir da referência dos mesmos provocando a (re)constituição de concepções e identidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho, onde o objetivo foi mostrar um estudo sobre a desmistificação dos estereótipos entre príncipes e princesas comparando-os com os contos de fadas tradicionais, refletem a ideia de que os contos de Fadas renovaram-se, e com isso surgiram novos personagens como príncipes e princesas que correspondem aos conceitos vigentes da época em que são escritos.

No primeiro capítulo deixou claro como se iniciou a literatura infantil e que atualmente a literatura infanto-juvenil tem buscado modos diferenciados de publicação, na intenção de resgatar o interesse e tornar-se chamativo para as crianças contemporâneas que, nativas do meio digital, acompanham as inovações da época em que vivemos.

A perspectiva do segundo capítulo foi analisar as representações identitárias onde Stuart Hall (2004) diz que os indivíduos hoje, vivenciam uma crise de identidade, que significa a impossibilidade de estabelecermos uma identidade única e padronizada dentre todas as relações subjetivas a que nos dedicamos. Segundo o autor somos seres incompletos e vivenciamos a constante e infundável busca de nos definirmos, mas essas definições são volúveis.

Em seguida, os contos de Flávio de Souza foram analisados e comparados aos contos de fadas tradicionais, vale ressaltar que em príncipes princesas sapos e lagartos a relação com a literatura infantil permite ao leitor a possibilidade de estabelecer um contato, refletindo, com os papéis reais da sociedade. Contos que desconstróem preconceitos mostrados nas obras e acabam com estereótipos que existem.

Conclui-se que os homens e mulheres estão em grande mudança na sociedade e na literatura, construindo novas identidades, e com isso, em relação aos contos de fadas surgindo novos personagens como príncipes e princesas que correspondem aos conceitos vigentes da época em que são escritos.

Nesta pesquisa, a identidade feminina e masculina, a desmistificação do príncipe encantado, a desconstrução do estereótipo da beleza, mostrando o encontro das antigas e novas narrativas, com funções sociais diferentes, mostra aos leitores novas percepções do mundo enfatizadas pelos contos de fadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 2ª Ed. São Paulo. Ática.
- CASHDAN, Sheldon. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly N. **Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Quíron, 1987.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FRANZ, Marie-Louise. **A Interpretação dos contos de fadas- coleção amor e psique**. Paulus: 2ª. ed. 1990.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Chapeuzinho Vermelho**. In: ABREU, Ana Rosa.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **A Bela Adormecida**.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUNIOR, Davi Arrigucci. **Leitura: entre o fascínio e o pensamento**, 1994

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAURETIS, T. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico- poéticos da arte de contar histórias**.

MORELLI, Sonia Maria Dornellas; BARRETO, Simone Léa Marques; GONSALVES, Regina Marta Fonseca; SILVA, Carmem Sidinéia da. **Literatura infanto-juvenil: novos tempos**. Akropolis, Umuarama, v.12, n.º.3, jul./set., 2004. (p.176-178)

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986

SILVEIRINHA, Maria João. **A conformação das identidades nas democracias liberais**. Disponível em: <http://www.ubi.pt/temporaria/site_sociedade/introducao.htm>.

SOUZA, Flávio de. **Príncipes e Princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos**. 6. ed. São Paulo: FTD, 1996.

STOLLER, Robert (1968) **Recherches sur l'identité sexuelle**. Paris : Gallimard, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 8ª ed., 1994

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.